



## Boletim Nutrindo a Mudança – FEVEREIRO DE 2025

### (D)efeito Agro: comida cara e envenenada no território brasileiro

Por Susana Prizendt - C. P. C. A. P. V. e MUDA-SP publicado em [Mídia Ninja](#) e [Outras Palavras](#)

*Recorde de recursos no Plano SAFRA. Recorde na liberação de novos agrotóxicos. E a população SOFRE com carestia, doenças e desequilíbrios climáticos. A solução passa longe da volta do golpismo hipócrita que já nos levou à fila do osso; ela está na mudança no modo de lidar com a terra. Reforma Agrária Agroecológica já!*

Responda uma pergunta simples, se você pudesse escolher, compraria comida barata, mas cheia de agrotóxicos, ou comida cara, mas livre de venenos? Infelizmente, talvez nenhuma das duas opções seja viável para boa parte da população do país. Sim - embora a [inflação de janeiro de 2025](#) tenha desacelerado fortemente -, podemos caminhar para uma única possibilidade, caso sigamos no curso agroalimentar insustentável atual: ter nos mercados e feiras somente alimentos com preços “salgados” e que vêm “temperados” com resíduos de substâncias tóxicas variadas. É preciso entender o que está nos levando a esse cenário, para darmos um cavalo de pau e seguirmos em outra direção, enquanto há tempo.

Somos o celeiro do mundo, anunciam as propagandas que o setor agroalimentar espalha aos quatro ventos. Um gigante na produção de comida, que alimenta não apenas a nossa gente brasileira, mas as gentes de muitos lugares do globo terrestre. Se esse delírio ruralista fosse verdade, como se explicaria o fato de que ainda tem tantas pessoas com fome no país? E a carestia dos produtos? Mesmo sabendo que as contradições são uma constante no sistema capitalista, como já dizia nosso bom e velho Marx, fica difícil engolir esse discurso fantasioso frente a uma realidade [em que 8,93 milhões](#) de habitantes do país estão em insegurança alimentar severa e 60,3 milhões não têm acesso pleno e regular aos alimentos necessários a uma vida digna.

É a caquética, mas imperativa, receita colonialista: os territórios do sul global são considerados fontes baratas de matéria prima básica, como produtos agrícolas e minérios, para o livre abastecimento dos países considerados desenvolvidos. E, se chegarem a tanto, dado o nível de miséria em vários deles, formam um mercado consumidor para os produtos altamente industrializados produzidos por estes últimos. Nem é preciso dizer que a diferença de valor entre o tipo de produto que se vende e o tipo de produto que se compra é absolutamente gritante e ajuda a perpetuar a existência de um profundo abismo econômico entre as chamadas potências mundiais e a ralé planetária.

Nesse processo que se arrasta há séculos, houve uma inegável divisão no setor agroalimentar entre o que é considerado commodity e o que continua sendo a boa e velha comida. A primeira categoria é composta de produtos agrícolas que são internacionalmente padronizados e negociados nas bolsas do mundo afora, podendo ou não ser destinados à cadeia alimentar, como é o caso dos grãos que vão virar

ração para a criação de animais e óleo para a indústria alimentícia (mas também da cana-de-açúcar, que pode virar etanol, do eucalipto, que virará papel, do algodão, que abastece a indústria têxtil e até da própria soja, que vem sendo muito usada para biodiesel, o que explica parte do aumento do preço do óleo feito com a leguminosa). Uma vez fora de seu país de origem, é provável que tais commodities, mesmo se destinadas ao setor comestível, jamais façam parte do prato da população que o habita. Resumindo: a carne dos animais alimentados com a ração feita com soja brasileira vai ficar na barriga dos gringos.

Já aquilo que continua sendo chamado de comida e que forma milenarmente a base da alimentação dos povos do mundo - como as hortaliças, as raízes, os frutos, as sementes e grãos tradicionais -, não tem um lugar tão valorizado no cenário do financismo mundial e, portanto, pode ser preterido na hora de decidir o que será produzido pelo setor agrícola de cada região. Ou seja, se é mais vantajoso comercialmente para quem está nesse mercado produzir soja e milho transgênicos para alimentar porcos e frangos a dezenas de milhares de quilômetros de distância, ao invés de produzir feijão para a população local, não há nenhuma dúvida sobre qual será a escolha feita. Só pra ilustrar, a área de cultivo de soja passou, em apenas 10 anos, de 30 milhões de hectares para quase 48 milhões de hectares. E, se depender da [sanha do Agribusiness](#), vai saltar mais outros 30, chegando a 78 milhões - quando temos, segundo a PAM (Produção Agrícola Municipal) de 2023, uma área cultivada total de 96 milhões de hectares para todas as culturas do país!

### **Quem regula quem**

Se o que chamamos de mercado age conforme os interesses financeiros de uma elite e se nega a olhar para as consequências concretas de suas escolhas na vida do povão, a quem caberia o papel de contrabalançar esse (d)efeito do sistema econômico globalizado? Podemos dizer que a existência dos Estados Nacionais se daria justamente para limitar minimamente os mecanismos que alimentam as desigualdades dentro de seus territórios, além de tomar medidas para proteger suas economias de serem devoradas pelo processo de dominação financeira de uns (poucos) países sobre os demais.

Aos Estados caberia, portanto, a função de reguladores, apoiando-se em suas leis nacionais e em tratados internacionais, para criar políticas públicas que garantam os direitos fundamentais de suas populações. No caso do DHANA, o Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas, essas políticas têm como base a promoção de um Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional capaz de assegurar que todas as pessoas tenham acesso a alimentos em quantidade e qualidade para que possam se desenvolver física, mental, emocional, cultural e socialmente. É algo que vai muito além de estar livre da fome.

No entanto, em uma sociedade em que o controle do que se produz está nas mãos de grandes corporações transnacionais, que não respeitam fronteiras, que [financiam bancadas parlamentares](#), que compram anúncios nos principais veículos de mídia, que mantém robustas redes de advocacia e que, se necessário, usam a força das armas para que seus interesses não sejam contrariados, o poder regulador dos governos nacionais vem sendo sistematicamente violado - e quem deveria ditar as regras na área econômica passa a seguir as regras impostas pela elite internacional.

Voltando ao Brasil, como nosso país pode traduzir na prática o que consta no SISAN, o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, se é refém de uma política econômica cerceada por algo como o [Arcabouço Fiscal](#)? Se é pautado por uma agenda que é elaborada pelos representantes de setores do mercado especulativo e é posta em prática (muitas vezes à base de chantagens, boicotes e

ameaças) por bancadas, como a Ruralista, uma das maiores no Congresso Nacional? Se ele destina a imensa maioria do crédito subsidiado para a produção de commodities e não de comida?

Mesmo reconhecendo as inegáveis diferenças entre a atual administração do país e a anterior, sendo o desgoverno Bolsonaro responsável por chegarmos ao número de 700 mil mortes durante a crise da pandemia e por submeter dezenas de milhões de famílias brasileiras à fome - entre outras ações imperdoáveis -, temos que dizer que, apesar das atuais políticas redistributivas e da redução do desemprego, que [diminuíram em 14,7 milhões](#) a quantidade de pessoas famintas em 2023, não estamos virando a página da insegurança alimentar e nutricional, como a atual crise de carestia e a contaminação de água e alimentos deixa nítido.

Sim, há muitos fatores envolvidos no imbróglio dos preços altos da comida. As dificuldades produtivas decorrentes da emergência climática; a resistência aos agrotóxicos desenvolvida por insetos, fungos e plantas que são consideradas pragas; o esgotamento dos solos de muitas regiões... são condições reais, é inegável. Mas são consequências diretas da insustentabilidade do modelo produtivo baseado em extensas monoculturas mecanizadas - e não surgiram inesperadamente, já que os sinais de que a situação está se agravando vêm sendo dados pela natureza há décadas.

Neste momento, também estão pipocando [denúncias sobre toneladas de alimentos](#) produzidos pela agricultura brasileira sendo jogadas no lixo. Trata-se de uma prática conhecida, que tem o objetivo de influenciar o valor do produto em questão, ao diminuir sua oferta no mercado. Pode ter ocorrido uma ação orquestrada, desde os últimos meses de 2024, como forma de atingir o atual governo e dar força para a narrativa de que, com ele, a vida está pior. Ainda é necessário investigar o que realmente aconteceu porque vídeos em redes sociais, por mais convincentes que pareçam, podem ser manipulados. Mas, dado o nível de golpismo que já testemunhamos nos últimos tempos, é bem possível que essa atitude criminoso de jogar comida fora tenha mesmo ocorrido de modo combinado, com fins nitidamente políticos, e dado uma mãozinha para elevar os preços de alguns hortifrutis.

Junte-se aí o que se passa na economia e na geopolítica internacional, como as guerras, as ameaças trumpistas e a subida do dólar frente ao real no ano passado - lembrando que as empresas produtoras de maquinário, fertilizantes e venenos agrícolas são estrangeiras, ditam preços de modo dolarizado e canalizam parte substancial da renda no campo -, e temos mais elementos para decifrar essa charada. Para arrematar esse pequeno levantamento, não podemos esquecer de mencionar que a CONAB, empresa pública que controla os estoques reguladores no Brasil, foi [duramente atacada no governo anterior](#), que não apenas zerou as reservas estocadas, como desmontou boa parte da estrutura do órgão.

Mesmo assim, a disparada de preços e a dificuldade da população em adquirir comida em um país fértil como o nosso é algo que não deveria fazer muito sentido, não é? Vejamos...

### **Pagando para nos envenenar**

Quando um setor da economia recebe crédito farto, isenção de impostos, afrouxamento de regras para pagar seus trabalhadores e trabalhadoras e outras benesses, você espera que o que ele forneça fique mais caro ou mais barato? Pois é... o chamado AGRO brasileiro teve acesso ao maior Plano Safra da história do país, mais de 400 bilhões de reais; não precisa pagar muitos dos impostos relacionados a insumos, como fertilizantes industriais e agrotóxicos, ou à exportação, graças à famigerada Lei Kandir; não arca com uma quantidade de encargos de empregos minimamente condizente com sua estrutura econômica, e, por mais incrível que isso possa parecer para pessoas comuns, como eu e você, retribui ao povo (que o carrega nas costas) com produtos caros e nada saudáveis. Eu disse “nada” saudáveis, sim.

Infelizmente, na esteira do recorde do crédito público para as grandes empresas do agronegócio, nossa nação bateu um outro recorde em 2024. Superando a marca do desgoverno Bolsonaro - que liberou 652 novos agrotóxicos no ano de 2022 -, o atual governo autorizou, nos 12 meses do ano passado, [663 dessas substâncias venenosas](#). Para nós, movimentos sociais agroecológicos, que lutamos arduamente para botar um fim na gestão agrofascista do clã miliciano, é um duro golpe. A conclusão é óbvia: as forças ruralistas seguem subjugando o executivo do país e estamos pagando para ser vítimas de um processo de envenenamento massivo.

Essa constatação é alicerçada pelo fato de que os agrotóxicos liberados no último ano não são menos danosos do que os que já estavam autorizados a circular em nosso território até então. A imensa maioria deles é composta pelos velhos ingredientes que já se provaram prejudiciais à saúde humana e à natureza. E, entre os ínfimos 2,3% das novidades, dois produtos, o Orandis e o Miravis, foram considerados altamente tóxicos pela ANVISA e podem até levar a óbito, se inalados, segundo quem os produz.

Vale lembrar que o PARA, [Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos](#), revelou a presença de venenos em 26% dos alimentos analisados em 2023, sendo 31 tipos diferentes no abacaxi e 25 tipos diferentes no arroz, muitos deles proibidos em países do norte global. É um coquetel tóxico que tem ligação direta não apenas com a explosão de diversas doenças no país (principalmente entre os povos camponeses, que estão mais expostos aos aviões pulverizadores), mas também com o aumento do preço da comida, já que, como eu havia mencionado, esses produtos são fabricados por empresas de fora do Brasil e precificados em dólar, moeda que subiu bastante em relação ao real nos últimos meses de 2024.

No plano internacional, a FAO, órgão das Nações Unidas relacionado à alimentação, já reconheceu, através de um [levantamento feito em 2021](#), que nosso país é o campeão do veneno e usa uma quantidade de agrotóxicos que é maior do que a usada por Estados Unidos e China juntos - inclusive se considerarmos o valor por hectare ou o valor per capita. E estamos falando de dois países continentais que são grandes parceiros comerciais do Brasil, dos quais o nosso modelo produtivo atual é dependente.

Por falar na China, a notícia de que ela suspendeu a importação de soja produzida por grandes empresas no nosso território repercutiu com força há alguns dias e parece sugerir que o mercado internacional não está disposto a comprar produtos com doses tão gigantescas de venenos. O irônico dessa suspensão é que, no ano passado, a empresa do setor veneneiro que [recebeu maior isenção fiscal](#) por parte do governo brasileiro - R\$1,77 bilhão - foi a Syngenta, controlada desde 2017 pela ChemChina, uma estatal chinesa. E é justamente a empresa que fabrica os dois novos produtos altamente tóxicos liberados pelo governo entre os 663 da leva de 2024, o Orandis e o Miravis. Dá-lhe contradição por parte do Comunismo de Mercado (ou Capitalismo de Estado) adotado pela super potência asiática.

Basf, Bayer, e outras gigantes do setor também estão na lista das corporações que mamam (e mamam) muito nessas tetas brasileiras, com descontos de centenas de milhões de reais no que deveriam nos pagar em impostos em 2024. E vendem aqui os produtos que não são permitidos em seus próprios países, deixando explícito que, para elas, somos um povo de categoria inferior à dos povos europeus, e podemos engolir as substâncias comprovadamente tóxicas que eles tão sabiamente se recusam.

### **Terra para quem produz comida**

Será que estamos caminhando para virar “picadinho” no prato dos grandes representantes do mercado venenoso? O fato da [CONAB ter retomado](#) a formação de estoques de alimentos da Agricultura

Familiar em seus galpões é algo a ser celebrado e incentivado, para que eles se ampliem com mais celeridade. Afinal, frente às crescentes tragédias socioambientais ou aos ataques especulativos do mercado, é preciso ter reservas para que a comida chegue a quem passe por dificuldades de acessá-la. E a notícia de que o governo federal [diminuiu a porcentagem](#) máxima de ultraprocessados permitida na merenda das escolas (que passou de 20% para 15% e vai chegar a 10% no ano que vem) também traz um pouco de luz ao cenário, já que significa que agricultores e agricultoras familiares vão fornecer mais comida nutritiva para o PNAE, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que atende 40 milhões de estudantes e serve, anualmente, cerca de 10 bilhões de refeições. Menos ultraprocessados nessas refeições significa menos uso de soja, milho e cana-de-açúcar na indústria alimentícia para produzir esses produtos e menos plantio dessas commodities no campo.

Mas, apesar de importantes, ações como essas não são suficientes para reverter a situação crítica na Segurança Alimentar e Nutricional brasileira. E o motivo é simples: a nutrição começa na terra, como nos ensinou nossa mestra Ana Primavesi, que nos deixou há 5 anos, no começo de 2020. Somente um solo sadio permite a existência de plantas saudáveis e de alimentos saudáveis para as pessoas. E, no modelo Agro-Ogro atual, é impossível ter solos com saúde. Eles dependem da existência da biodiversidade, o que está intimamente relacionado com a presença dos povos dos campos, das águas e das florestas nos territórios produtivos. Nada a ver com os desertos verdes despovoados sobrevoados por drones e aviões que se espalham pelos nossos biomas.

Em [uma de suas declarações](#) relacionadas ao combate à alta dos alimentos, o presidente Lula disse que “muito dinheiro na mão de poucos significa empobrecimento e que pouco dinheiro na mão de muitos significa mais qualidade de vida para todas as pessoas”. O raciocínio parece coerente (e é o que se espera de um líder que se coloca como defensor do povo trabalhador), mas tropeça em um fato inegável: ninguém come dinheiro. Como mencionado aqui, a comida saudável só é viável quando a terra está saudável. Por sua vez, é impossível a terra ter saúde nas propriedades do latifúndio monocultor. É necessário acabar com tamanha concentração fundiária.

Refazendo a fala do presidente, o que precisa ser dito é que muita terra na mão de poucos significa fome e destruição ambiental, significa alimento caro e envenenado. E que pouca terra na mão de muitos (e de muitas) significa a possibilidade de ter solos férteis, cultivos biodiversos, circuitos locais e solidários de comercialização; significa comida de verdade com valores acessíveis na mesa do povo. Somente com a realização de uma ampla Reforma Agrária Popular de base agroecológica é que poderemos escapar dos cartéis de fazendeiros, das corporações de venenos, de transporte rodoviário movido a petróleo ou biodiesel, das redes varejistas e indústrias de ultraprocessados - responsáveis pelos preços nas alturas e pelos desequilíbrios sociais e ambientais que nos assolam.

Recentemente, em reunião de sua Coordenação Nacional em Belém (PA), o MST, Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, [divulgou uma carta](#) em que afirma: “nos reunimos em território amazônico para traçar os rumos de nossa organização para o próximo período na luta pela Reforma Agrária Popular, com acesso à terra, justiça social e ambiental. Aqui, viemos beber da história e da memória da resistência indígena, negra, camponesa e popular.” A referência aos povos tradicionais demonstra que, sem o respeito aos seus modos de vida e seus saberes ligados umbilicalmente aos territórios que habitam, é impossível termos um futuro que não seja o abismo.

Ao invés de torrar 400 bilhões (ou 500 bilhões, como se espera para o período de 2024/2025) para financiar o OGRO e suas redes tóxicas, no que eu chamo de “Plano Sofra”, pois só leva ao sofrimento da população, e de dar isenções fiscais bilionárias para as empresas transnacionais de agrovenenos, envolvidas até o último fio de cabelo nas tramas contra a democracia no mundo todo, como mostram as investigações sobre os atos golpistas de 2023 (e até de 2016, ano em que as curvas de liberação de

agrotóxicos passaram a subir intensamente), o governo federal deveria usar os recursos financeiros do país para estruturar e ampliar a rede de assentamentos camponeses, a demarcação de terras indígenas e o reconhecimento de comunidades de povos tradicionais.

Sem essas medidas essenciais, não será possível conquistar nossa Soberania Alimentar, base para a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional e condição irrefutável para que a comida boa, livre de substâncias tóxicas, mas cheia de sabores e de significados culturais, possa voltar a nutrir corpos, almas e territórios, independentemente do preço do dólar ou do petróleo, elementos que não podem e nunca poderão ser digeridos pelas barrigas humanas.

### **Confluência de lutas**

Voltando à questão inicial do texto, hoje ainda é possível ter acesso à comida sem veneno de duas formas: há uma elite que paga altos preços por alimentos orgânicos vendidos nos supermercados granfinos, e existem alguns circuitos de comercialização solidária a partir do que é cultivado de forma agroecológica por famílias agricultoras. Enquanto a gritaria contra a carestia na mídia comercial ecoava, o Armazém do Campo, rede de lojas do MST, vendia [milho orgânico a um real](#), em sua loja no centro de São Paulo, no último final de semana. E ainda era possível comer a espiga cozida na hora, pagando apenas dois reais!

O contraste com o OGRO é gritante: enquanto a agricultura camponesa oferece um alimento nutritivo, orgânico e não transgênico a um valor que pode caber nos bolsos mais apertados, os tais que se dizem POP esvaziam caminhões de seus produtos - subsidiados com o dinheiro da população - em estradas desertas em que ninguém poderá acessá-los.

É nítido que, se não lutarmos por uma inflexão no modelo produtivo nos próximos tempos, as chances de termos que comprar comida cara e envenenada, como eu alertei, vão aumentar muito. Como sabemos, nada na natureza pode ser isolado e os aviões que despejam agrotóxicos seguem sobrevoando uma área cada vez maior do nosso território. Solo, água, plantas, animais e nossos corpos vêm sendo contaminados crescentemente. Como cultivar uma roça orgânica ou agroecológica, se não houver água livre de venenos para regá-la? Se os ventos que passam sobre os latifúndios de soja trazem chuvas tóxicas? Se as abelhas e outros polinizadores estão sendo dizimados por substâncias já banidas nos países das empresas que as fabricam?

É por isso que só há um caminho: transição agroecológica já. Para que ela se concretize, é necessário que o [PRONARA](#), o Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos, saia velozmente do papel. Ele foi incluído no lançamento do PLANAPO, o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, após muita mobilização social, no final do ano passado. Mas, como o recorde de venenos liberados e o [ataque à Lei Zé Maria do Tomé](#) - que proíbe a pulverização aérea no Ceará - revelam, o lobby das empresas do setor vem se sobrepondo aos direitos da população. Então, é necessário enfrentá-los. Urge chacoalhar as ruas e as redes!

Só que, diferentemente dos hipócritas de plantão, que agora usam bonés pedindo a volta do fascista inegável (em cujo governo houve a formação da famosa [fila do osso](#), tamanho o nível de desespero das pessoas famintas), nossos movimentos agroecológicos estão comprometidos com a luta pela Vida. Temos plena consciência de que é uma batalha hercúlea e constante (como o próprio nome [Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida](#) já diz), pois o poder do 0,01% do globo é da casa dos [trilhões](#) e essa elite da elite parece mais disposta a implodir de vez a existência humana do que abrir mão de sua sangrenta concentração de riquezas.

O terror tocado pelos representantes do mercado para desestabilizar o governo Lula, como se eles estivessem sofrendo altos prejuízos com a conduta feita pelo ministro Fernando Haddad - enquanto na realidade muitos deles batiam recordes históricos bilionários de lucro, como é o caso dos bancos [Itaú](#) e [Pactual](#) -, revela bem que são capazes não apenas de nos fazer voltar para a fila do osso, mas de tirar até os ossos (e o tutano que há neles e ainda pode nos dar alguns nutrientes) de nossos pratos. A [choradeira da citricultura paulista](#) para manter benesses, em um momento em que já está nadando de braçada com o preço da laranja nas alturas, traduz perfeitamente a falta de limite de quem vê a agricultura apenas como negócio.

E a mídia corporativa também não nega fogo para atacar qualquer ação que se oponha a lógica excludente que o capetalismo impõe. Não apenas anuncia as falácias do OGRO, como se fossem verdades, em seus canais, como distorce acontecimentos, dados, falas... para acentuar o desgaste do governo Lula em relação ao preço da comida e desestabilizar até os programas sociais em curso. Recentemente, tem atacado as cozinhas solidárias com acusações enviesadas, que desconsideram o esforço que uma dedicada rede de pessoas faz para seguir alimentando a população vulnerabilizada, apesar da carestia. São 2.370 cozinhas mapeadas, atuando no país inteiro, algumas com anos e anos de existência.

O ataque desleal motivou o CONSEA, Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, [a se manifestar](#), conclamando a sociedade a exercer o controle social no monitoramento do [Programa Federal](#) - criado no atual governo para apoiar uma tecnologia social que nasceu nas comunidades -, para fortalecê-lo, dada a sua importância para o exercício da cidadania e o combate à fome. Vale, também, ler o [artigo](#) e assistir o [vídeo](#), que o portal GGN produziu, para entender o tamanho da sacanagem midiática. Se você quiser contribuir para que a injustiça não destrua uma política pública tão arduamente conquistada, [pode assinar a petição](#) que o MTST, Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Teto, está circulando.

E, em relação às expectativas de pôr um freio na alta dos preços, com a possível safra recorde neste ano, cuja previsão é de [322,6 milhões de toneladas](#) (um aumento de 10% em relação a 2024), vale lembrar dos anos de pandemônio, quando tivemos um duplo recorde no país: da colheita agrícola e da fome, já que exportar é o caminho mais fácil para encher os bolsos de grana. Além disso, colher cada vez mais soja transgênica envenenada pode ser lucrativo para essa máfia agrofascista, mas é péssimo sob todos os pontos de vista para a sociedade e o planeta.

Temos que ter em mente que, mesmo se os preços dos alimentos convencionais realmente baixarem nas gôndolas dos mercados e se tornarem financeiramente acessíveis para o povão, eles ainda serão muito, muito caros para o país, já que seu modo de produção, abarrotado de agrotóxicos, traz custos incalculáveis para a saúde pública e o meio ambiente... custos que são pagos com o dinheiro da população, através do poder público. E pior: faz com que paguemos com nossas próprias vidas, já que as doenças geradas por esse modelo agrícola podem ser fatais e as tragédias climáticas que ele desencadeia vêm adquirindo um nível de intensidade gravíssimo. Resumindo, os prejuízos são públicos, mas os lucros são sempre privados e, para quem os obtém, eles precisam ser cada vez maiores, não importando as consequências sociais e ambientais.

Frente à tamanha voracidade por dinheiro e poder, o que nos cabe é pressionar os poderes executivo, legislativo e judiciário para que pautem nossas propostas; é fazer, em todos os espaços que pudermos abrir, a denúncia do sistema que nos vampiriza; é espalhar e regar as [sementes de um outro modo de viver](#). Por isso, seguiremos mobilizando as gentes das cidades (que é a maioria de nossa população) para que dêem as mãos às gentes dos campos, das águas e das florestas nessa jornada contra a fome, o veneno e a destruição de nossa Mãe Terra, a fonte real e única de tudo o que nos alimenta.

## Saber Funcional

**As aulas voltaram e é o momento de cuidar das lancheiras de nossas crianças, com muito sabor e saúde.**

Por Valéria Paschoal - VP Consultoria Nutricional

Com a retomada das aulas, preparar a lancheira das crianças se torna uma rotina importante para garantir uma alimentação saudável, equilibrada e segura. Mais do que apenas fornecer energia para as atividades escolares, a lancheira funcional deve priorizar a segurança alimentar, incentivar o consumo de alimentos da biodiversidade brasileira e estimular a criatividade na montagem das refeições.

Manter a qualidade dos alimentos na lancheira é fundamental para evitar contaminações e garantir que a criança consuma alimentos seguros. Para isso, algumas dicas são indispensáveis:

**Higienização:** Frutas, legumes e outros alimentos devem ser bem lavados e armazenados corretamente.

**Temperatura adequada:** Utilize bolsas térmicas e recipientes próprios para manter a conservação dos alimentos.

**Evite industrializados ultraprocessados:** Alimentos frescos e minimamente processados são mais nutritivos e seguros.

**Preferência por recipientes livres de BPA:** Escolha potes e garrafinhas de materiais atóxicos para evitar contaminação química.

A lancheira pode ser uma excelente oportunidade para ensinar as crianças a valorizarem os alimentos da biodiversidade brasileira. Muitas frutas, castanhas e tubérculos nativos do Brasil são altamente nutritivos e podem trazer novos sabores à alimentação infantil. Algumas sugestões incluem:

**Frutas regionais:** Cajá, Graviola, jabuticaba, Cambuci e Pitanga são opções ricas em vitaminas e antioxidantes.

**Castanhas e sementes:** Castanha-do-Brasil, Baru e Linhaça são fontes de gorduras saudáveis e minerais essenciais.

**Tubérculos e raízes:** Inhame e Mandioca podem ser incluídos na lancheira como chips assados ou purês.

Tornar a alimentação divertida e atrativa pode facilitar a aceitação dos alimentos pelas crianças. Algumas estratégias incluem:

**Combinações coloridas:** Misturar frutas de diferentes cores chama a atenção e aumenta a variedade de nutrientes.

**Formatos divertidos:** Cortadores de biscoito podem transformar sanduíches e frutas em formatos lúdicos.

**Participação da criança:** Envolver a criança na escolha dos alimentos e na montagem da lancheira aumenta a aceitação e o interesse pelos alimentos saudáveis.

Montar uma lancheira funcional vai além de apenas fornecer alimentos. É um ato de carinho e cuidado que garante nutrição adequada, promove a segurança alimentar, ensina bons hábitos alimentares e promove o respeito à biodiversidade alimentar do Brasil. Que essa volta às aulas seja repleta de saúde e aprendizado à mesa, para isso, além das orientações, separei uma receita simples e muito agradável para oferecer a sua criança:

### **Pão de aveia com ora-pro-nóbis**

#### **Ingredientes:**

480g ou 2 xícaras de chá de farinha sem glúten preparada (1 xícara de chá de fécula de batata + 1/2 xícara de chá de polvilho doce + 3 xícaras de chá de farinha de arroz = total de 1080g “usar somente 480g por preparação”)

1/4 de xícara de chá de mix de óleos (20 ml de óleo de linhaça + 20 ml de óleo de abacate + 20 ml de óleo de coco + 40 ml de azeite extravirgem) – mistura para 100 ml

1/2 xícara de chá de farinha de ora-pro-nóbis  
1 colher de sopa de fermento biológico  
1 colher de sopa rasa de sal  
1 e 1/4 xícara de chá de água morna  
3 ovos  
1 colher de sopa de mel

**Modo de Preparo:** No liquidificador colocar a água, ovo, óleo e o fermento e bater bem. Com o liquidificador ligado em velocidade baixa continue colocando todos os outros ingredientes um a um. Bater bem para que a massa fique bem homogênea. Desligar o liquidificador e acrescentar a misturando bem. Colocar a massa em forma para pão e deixar crescer. Assar em forno pré-aquecido a 200°C por 30 a 40 minutos. Esfriar e servir.

**Já Mudou!**

## **8M - Via Campesina convoca ao enfrentamento do avanço do fascismo, violência e crise alimentar**

Por Via Campesina

No marco do 8 de março, Dia Internacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras, a Via Campesina convoca à mobilização global para enfrentar o avanço do fascismo, a violência e a crise alimentar.

O movimento camponês denuncia o impacto da crise social e econômica, evidenciada pelo aumento da pobreza, do desemprego, das dívidas rurais e da grave crise migratória tanto no campo quanto nas cidades. Também aponta para a crescente influência de políticas neoliberais que minam direitos históricos e o bem comum, ao mesmo tempo em que incentivam a pilhagem de recursos naturais e o enfraquecimento da democracia, e que afetam principalmente mulheres, pessoas diversas e crianças.

Alarme sobre o avanço do fascismo e da militarização

A Via Campesina alerta sobre a ascensão de governos de direita que promovem práticas fascistas e racistas. A militarização em países como Palestina, Sudão, Iêmen, Haiti, Equador e Colômbia é uma grande preocupação, pois impacta diretamente a autodeterminação dos povos e aumenta a violência e a criminalização dos movimentos sociais.

Mulheres camponesas, indígenas, pescadoras, pastoras, nômades, migrantes, agricultoras e outras desempenham um papel fundamental na luta por um modelo social baseado na Soberania Alimentar e na justiça social e ambiental. A Agroecologia Camponesa se posiciona como uma alternativa viável ao sistema capitalista, patriarcal e neoliberal que ameaça os ecossistemas e as pessoas que vivem neles. Precisamos promover uma transição agroecológica urgente nas mãos dos camponeses e das comunidades rurais e urbanas.

Entretanto, o modelo capitalista do agronegócio e da mineração continua se expandindo sobre nossos ecossistemas e territórios. Eles nos matam com o extrativismo agrícola, os agrotóxicos e as práticas de escravidão moderna, com microcréditos que nos endividam, nos expulsam de nossas terras, agravando a crise ambiental e social.

Crise alimentar e violência estrutural

O relatório Visão Geral Humanitária Global 2025 do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) alerta que mais de 280 milhões de pessoas enfrentam fome aguda diariamente.

A crise alimentar está diretamente relacionada aos conflitos e ao modelo extrativista que desloca comunidades inteiras e ameaça a soberania alimentar.

A Via Campesina também denuncia o aumento da violência de gênero e a impunidade dos feminicídios. Em 2023, a ONU Mulheres registrou 85 mil assassinatos de mulheres e meninas, dos quais

51 mil foram cometidos por parceiros íntimos ou parentes próximos. A organização ressalta a urgência de políticas públicas que protejam as mulheres e impeçam a revogação de leis sobre feminicídio, paridade de gênero e educação sexual.

Hoje, como todos os dias, levantamos nossas vozes pelas vítimas. Não esquecemos seus nomes; aqueles(as) que não estão mais conosco continuam presentes em nossa luta e memória.

Exigimos justiça e não toleraremos mais impunidade ou esquecimento!

Chamado para ação antifascista neste #8M25

Nós, mulheres, colhemos no plano político o que cultivamos há muito tempo por meio da organização e da mobilização. A conquista de direitos é resultado do esforço coletivo da classe trabalhadora. Saudamos todas as mulheres que, de diferentes territórios, sustentam a vida, a alimentação, o cuidado e as transformações sociais.

Como Via Campesina, reafirmamos nosso compromisso com o Feminismo Camponês e Popular e nossa Campanha Global Pare a Violência, promovendo respostas concretas às crises atuais a partir da perspectiva da Soberania Alimentar e da luta feminista.

Ao mesmo tempo, apela à solidariedade e mobilização internacional contra o fascismo, em defesa dos direitos humanos, da soberania alimentar e da justiça social. Nós, mulheres, continuamos marchando, denunciando a violência e os crimes ambientais e sociais, lutando contra a pilhagem de nossas riquezas e o massacre de nosso povo.

Continuamos a tecer redes e alianças para desmascarar o patriarcado, o capitalismo e o neoliberalismo que ameaçam a vida no planeta!

Como parte desta jornada global, pedimos que você participe ativamente: Seguindo e divulgando nas redes sociais com as hashtags #8M25 #FeminismoCampesinoYPopular #MujeresEnLucha #SoberaníaAlimentariaYa #BastaDeViolenciaContraLasMujeres

## Vamos Mudar?

### Qual a relação entre crise climática e nosso acesso à alimentação? O Blog da Aliança explica!

Por Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável

Café, azeite, milho, trigo, soja... A crise climática já está afetando diretamente diversas culturas alimentícias ao redor do mundo, que enfrentam quedas na produtividade, levando a um impacto direto no preço para nós, consumidores.

Em outras palavras, a crise climática afeta o acesso à comida, especialmente, em países que já passam por cenários econômicos e sociais mais desafiadores.

Nas regiões tropicais, onde muitas culturas alimentícias já estão em risco, a redução da produção, normalmente provocada por eventos climáticos extremos, e o aumento dos preços dificultam o acesso a alimentos básicos, forçando as famílias a substituir alimentos in natura por ultraprocessados.

Um estudo da Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (Nasa) prevê que a produção de milho pode cair até 24% até 2030, em cenários de altas emissões de gases de efeito estufa (GEE), afetando milhões de pessoas que dependem desse alimento essencial.

Segundo o [Observatório do Clima](#), os sistemas alimentares são responsáveis por 21% a 37% das emissões globais de GEE. Houve um aumento de emissões de 16% entre 1990 e 2019.

No Brasil, 73,7% das emissões de CO2 em 2021 vieram de sistemas alimentares, sendo que 78% desse total é oriundo diretamente da produção de bovinos de corte, segundo o Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG).

Falando em emissões de CO2, como o verão de 2023 foi o mais quente da história, isso afetou diretamente o Mediterrâneo, onde a Espanha, maior produtora de azeite no mundo, enfrentou uma quebra da safra de azeitonas, o que elevou o preço do produto ao redor do globo.

E o café?

Em janeiro de 2025, o preço do café atingiu um recorde histórico, com a saca de 60 quilos do arábica, principal tipo produzido no Brasil, sendo comercializada por R\$ 2.333, segundo [reportagem do portal Nexo](#). Esse é o maior valor registrado desde o início da série histórica do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP). Na comparação com janeiro de 2024, o valor teve alta de 124,6%.

Os fatores por trás da disparada de preço não são mais segredo: baixo volume de estoques de grãos, em razão do aumento da demanda externa e das adversidades climáticas.

O Brasil ainda é o maior produtor mundial de café. No ano passado, enfrentamos a pior seca em 70 anos, com ondas de calor que vêm afetando o ciclo de produção entre 2023 e 2024.

A crise climática afetou também outros grandes produtores de café, como o Vietnã, o que contribuiu para a queda global na oferta. Por consequência, houve maior procura pelos grãos brasileiros, com recorde de exportações em 2024: 50,4 milhões de sacas, 28% a mais do que em 2023.

Por outro lado, esse cenário faz subir o preço do café para os consumidores brasileiros.

Nós, da Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável, defendemos que o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) é fundamental para garantir a todas as pessoas o acesso a uma alimentação de qualidade.

Então, enfrentar a crise climática é também enfrentar as desigualdades globais que ela amplifica, uma vez que seus impactos são muito mais intensos para populações mais pobres e países menos desenvolvidos.

Eventos climáticos extremos não apenas afetam a produção e o acesso à comida, como também aumentam a vulnerabilidade econômica e a desigualdade social, provocam questões de saúde, deixam os recursos ainda mais escassos e forçam movimentações migratórias.

Precisamos de mudanças urgentes nos sistemas alimentares, com esforços coordenados e políticas públicas, para ajudar a combater as alterações climáticas.

## Brotar é Preciso

### Flor de sal tem sabor exótico e menos salgado que o sal de mesa: ideal para criar receitas especiais

Por Conceição Trucom - Doce Limão

A Flor de Sal só é formada em condições muito especiais, não só da qualidade da água oceânica, mas do clima (bastante sol e um vento controlado), da presença ATENTA do profissional que precisa coletar a 'nata de sal' quase que na hora que se forma, ou ficará 'pesada' e irá decantar.

Sim, a salina que produz a Flor de Sal é quase 100% artesanal. Porque a mecanização das salinas convencionais não é compatível com a leveza e sutileza da Flor de Sal.

Na verdade, enquanto o sal de mesa é morfologicamente uma halita, quando no microscópio enxergamos seu formato cúbico, abrasivo e arestoso...

A morfologia da Flor de Sal é laminar, quando no microscópico enxergamos 'natas' empilhadinhas de sal. A Flor de Sal é leve, não tem arestas e não é abrasiva. Inclusive, ela é flocadinha, jamais moída ou lavada: delicada flor.

Seu sabor é exótico e menos salgado e ideal para preparos salgados e doces. Já experimentou o sorvete de caramelo com flor de sal? Oh My GOD!

A Flor de Sal é tão delicada que durante sua produção ela não pode ser empilhada.

Bem, espero no segundo semestre 2025 montarmos um grupo para conhecermos São Miguel do Gostoso/RN e uma salina 100% artesanal para entendermos presencialmente que sal NÃO é tudo igual.

## Semeando

### Projeto Agroecologia no Prato, pesquisa do OAÊ, publicações e dicas na agenda do período

#### Destaques:

- O projeto Agroecologia no Prato, iniciativa do Muda em parceria com o Coletivo Banquetaço, a Gente é Pra Brilhar, o SEFRAS e o Espaço Cultural Monte Kemel, por meio da Secretaria Municipal do Desenvolvimento Econômico e Trabalho, entrou em seu segundo mês e as atividades estão intensas. Além do Curso de Formação em Cozinha, Cultura Alimentar e Ecogastronomia e do Curso de Formação em Agroecologia, já realizamos o Primeiro Mutirão Aberto junto à comunidade. Confira tudo no nosso insta.

- O primeiro mês de 2025 foi o [janeiro mais quente já registrado](#), segundo dados divulgados pelo Copernicus, observatório climático da União Europeia. O recorde de calor ocorreu mesmo sob o fenômeno La Niña, que tipicamente reduz a temperatura média global. A temperatura média do ar na superfície chegou a 13,23°C em janeiro — 1,75°C acima dos níveis pré-industriais (1850-1900). Em 18 dos últimos 19 meses, o aumento da temperatura global ultrapassou 1,5°C, meta estabelecida pelo Acordo de Paris como limítrofe para evitar impactos climáticos catastróficos e o colapso de ecossistemas.

- O Observatório da Alimentação Escolar (ÓAÊ) está realizando um [levantamento nacional](#) para compreender as condições de trabalho de nutricionistas, cozinheiras e cozinheiros que atuam no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). As pesquisas buscam identificar as condições oferecidas pelo poder público para a execução do programa pelo país.

#### **Atividades:**

- Estão abertas até hoje (27 de fevereiro) as pré-vendas com desconto para o curso online “[Mato é Comida?](#)”, de Bruna Crioula. Com a proposta de olhar para a alimentação além do prato, o curso promove a reconexão com a comida, a terra e os saberes ancestrais que alicerçam a nossa cultura e biodiversidade alimentar. Bruna é hoje uma das vozes mais vibrantes da educação agroecológica popular - crítica e política por excelência. [Em suas redes](#), ela fala sobre a relação entre os sistemas alimentares e a colonialidade, ensina receitas incríveis, e é mestre em “germinar” novos conceitos. Um exemplo é sua crítica à ideia de “não-convencionais”, presente nas PANCs (sua especialidade), que ela substituiu sagazmente por “não-colonizadas”. Siga Bruna nas redes, e não perca o curso, que vai de 13 a 15 de março.

- A resistência contra o capital e o agronegócio pauta as [Jornadas do 8M das Mulheres Sem Terra](#) desde 2005, e este ano não será diferente. A luta é contra os mandos e desmandos do agronegócio, exigindo que esse modelo responda por seus crimes contra a humanidade e contra o meio ambiente. Mas também é pela Reforma Agrária Popular, como forma de enfrentamento à violência no campo, à crise climática e à fome. Banhadas pela mística do centenário de nascimento de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver, sentimos os Aromas de Março ainda mais intensamente! Através de Elizabeths, Dandaras, Marias... As mulheres camponesas ecoam o lema: AGRONEGÓCIO É VIOLÊNCIA E CRIME AMBIENTAL, A LUTA DAS MULHERES É CONTRA O CAPITAL!

#### **Publicações, boletins e relatórios:**

- Acaba de ser publicada a [cartilha Advocacy para a promoção de ambientes alimentares saudáveis nas escolas](#), feita pela ACT Promoção da Saúde com nosso apoio. Ela aborda como a sociedade civil e população podem atuar para que estados e municípios adotem leis que restrinjam o acesso a ultraprocessados dentro do ambiente escolar. Aliança pela Alimentação Saudável.

- A edição de fevereiro do boletim [Semana da Terra](#) acabou de sair! (O programa agora é mensal). Confira alguns dos destaques: Muito calor e chuvas catastróficas pelo Brasil; países não entregam metas climáticas e empresas também dão para trás na redução de emissões; crise climática causa 800 mil mortes e US\$ 4,2 trilhões em perdas econômicas em todo o mundo nos últimos 30 anos; Trump retira

cientistas americanos do IPCC... e uma boa notícia, foi cancelado o túnel da Sena Madureira e Ilha de Santa Catarina tem recuperação da biodiversidade animal.

- O Boletim de Observatório dos Supermercados agora é global! Por que o preço dos alimentos atinge níveis recorde, principalmente onde há controle corporativo sobre a distribuição de alimentos? Há quase uma década começamos a monitorar a expansão acelerada de supermercados e lojas de conveniência em toda Ásia, mais que em qualquer outra região do mundo. Mas a supermercatação da distribuição de alimentos avançou globalmente, mudando drasticamente a tradição dos mercados populares e feiras livres e modificando regimes alimentares e qualidade dos alimentos. Cada vez mais alimentos frescos e locais escassos, enquanto os pouco saudáveis ultraprocessados tomam conta da dieta alimentar, principalmente dos mais pobres, afetados pela fome, desnutrição, obesidade e diabetes. Mais de 700 milhões de pessoas (1 a cada 10) estavam em insegurança alimentar em 2024. Felizmente a resistência é global. Agricultores familiares, consumidores, feirantes, vendedores de rua mais ou menos organizados, ainda disponibilizam alimentos locais produzidos nas comunidades. Os mercados populares e feiras se convertem em campos de batalha de justiça econômica e organização política. Em 2024, houve protestos de camponeses em ao menos 65 países contra os altos custos da produção e baixos preços sobre seus produtos. Para partilhar informações sobre o estado da captura corporativa da distribuição de alimentos e das experiências e lutas por soberania alimentar, o Boletim que surge na Ásia agora se torna global com a parceria entre GRAIN, FIAN e StreetNet Internacional, que congrega mais de 900 mil ambulantes e vendedores de rua em todo o mundo. Leia [aqui o primeiro número](#) do Boletim Global: “Não haverá soberania alimentar se distribuição de alimentos seguir nas mãos corporativas”.

- Carlos Monteiro, pesquisador fundador do Nupens/USP, escreveu uma [carta aberta à professora Susanne Bügel](#), que está à frente do Projeto Novo Nordisk. O projeto em questão tem como objetivo criar uma nova versão da classificação Nova, sem a anuência dos pesquisadores brasileiros que criaram esse conceito científico: "Não use o termo Nova no título ou nos objetivos do seu projeto. Não sugira que seu projeto tem qualquer conexão com a classificação Nova ou seus criadores", escreveu Monteiro.

### **Artigos, posts e vídeos:**

- O Instagram da Dra Valéria Paschoal [abordou o Feijão Guandu](#), em um post feito em meados deste mês. Vale conferir e ver como esse alimento é poderoso para nossa saúde, sendo uma fonte de proteína vegetal e um ingrediente versátil na culinária de vários locais do mundo.

- Enquanto os preços de alimentos saudáveis aumentam, os ultraprocessados seguem baratos, incentivados por isenções fiscais. [Matéria do portal O Joio e O Trigo](#) revela que, entre 2015 e junho de 2024, fabricantes desses produtos receberam R\$15 bilhões em isenções federais. As maiores beneficiadas foram a Recofarma (Coca-Cola), com R\$4,55 bilhões, e a Arosuco (Ambev), com R\$ 2,55 bilhões. As empresas usam a Zona Franca de Manaus para obter benefícios como isenções e créditos sobre impostos não pagos, sem justificativa tecnológica para a fabricação nesta região. Outras gigantes, como M Dias Branco (R\$2,52 bi) e Nestlé (R\$1,5 bi), também se beneficiaram. “Deveríamos investir em sistemas alimentares saudáveis, solidários e sustentáveis. Essa política é o oposto disso”, afirma Paula Johns, diretora-executiva da ACT Promoção da Saúde.

- “Plantar” a diversidade de sementes e de pessoas para fortalecer corpos e espíritos – os nossos e o do planeta como um todo - é o ensinamento que Jera Guarani vem deixando para o mundo. Nesta [entrevista para a revista Piseagrama](#), a agricultora e liderança da Terra Indígena Tenondé Porã, localizada no extremo sul de São Paulo, conta da luta coletiva pela retomada do território, pela recuperação da biodiversidade e pela volta do avaxi (variedades de milho guarani). O alimento, resistência material e simbólica à invasão da comida jurua (de branco) nas 14 aldeias da TI, vem ressignificando os sentidos de

conexão, pertencimento e fortalecimento dos povos Guarani na região. Curtiu? Confira também a [prosa boa de Jera neste aulão](#) realizado pelo SP Film Food Festival 2024.

#### Dicas extras:

- Dica do [Sindinutri-SP](#): Você sabia que existem diversas espécies vegetais comestíveis além das que comumente consumimos? Essas plantas são conhecidas como PANCs - Plantas Alimentícias Não Convencionais. Elas possuem grande aporte de vitaminas, como A, C e algumas do complexo B, além de minerais como ferro, potássio e magnésio. Semelhante aos vegetais convencionais, são ricas em fibras e pobres em gorduras e calorias. Algumas espécies inclusive podem ser utilizadas na substituição de carnes, ovos, peixes e frango pelo seu alto valor proteico. O [Hospital Sírio Libanês disponibilizou uma Cartilha](#) sobre essas espécies vegetais, criada pelas equipes do Ambulatório de Pediatria da Diretoria de Compromisso Social e de Nutrição do hospital.

- Será que sua geladeira está pesando na conta? Para você saber o impacto da geladeira na sua fatura de energia elétrica, o IDEC - Instituto de Defesa de Consumidores - criou uma [calculadora gratuita](#). De forma simples e com apenas três informações, é possível chegar a um valor aproximado do quanto sua geladeira gasta em reais.

### CSAção

#### Comunidade que Sustenta a Agricultura traz mudança da cultura do preço para a cultura do apreço

Por Luiz Fernando de Paula, membro da diretoria ampliada da Associação Comunitária CSA Brasil

Com a popularização da tecnologia como ferramenta de controle, vigilância e distração da massa, a estupidez humana nunca ficou tão explícita. São recorrentes os flagrantes de inúmeros tipos de violências: discriminação com as minorias, racismo, abuso de poder, menosprezo da vida em relação ao material, crimes ambientais, etc.

Porém, tanta vigilância sem ação faz de todo esse repertório de desvios humanos apenas meros conteúdos que se alternam antes que a revolta e motivação para a mudança ganhe força.

A estratégia é permitir que tal fato apenas desperte a curiosidade e a vontade de mostrar tais absurdos aos nossos amigos virtuais e logo em seguida, um videozinho engraçado para nos amansar e resetar nossa indignação surge, acabando com qualquer impulso de reflexão sobre nossos hábitos e comportamentos.

Nada do que viraliza hoje é novidade: negros sempre sofreram racismo, a polícia na periferia sempre foi violenta, Amazônia é destruída há séculos e alimentos sempre foram descartados para regular o mercado. Essa é a cultura do preço.

Mas como escrito acima, uma notícia hoje fica velha em questão de minutos e nada muda. Quem ainda se lembra das cenas de caminhões de frutas e legumes sendo descartados que pipocaram em nossas timelines? A linha do tempo vem se encurtando, junto com nossa força em resistir a tais absurdos.

Há um movimento em andamento, já há décadas, que busca nos alinhar como seres humanos através de princípios que nos indicam em como viver em comunidade e ao nos relacionar melhor com nossos alimentos. Um movimento que tira o rótulo, a etiqueta e o preço do que vem da terra e nos permite a olhar com apreço e respeito mútuo uns aos outros e àquilo que nos alimenta.

Esse movimento chama-se CSA, uma sigla para Comunidade que Sustenta a Agricultura. Nesse modelo não há regulação de mercado pois os alimentos não são vistos e nem tratados como produtos. O agricultor tem estabilidade, previsibilidade e garantia de escoamento daquilo que cultiva, que vai direto para as mesas das pessoas que o apoiam e o auxiliam na gestão de todo o organismo agrícola que é formado através de relações de amizade, gestão compartilhada, ajuda e aprendizagem mútuas,

aceitação de alimentos da época, e outros princípios que garantem um convívio harmonioso entre seres humanos e a natureza.

Não se acomode com os absurdos do cotidiano que nos assombram diariamente. Junte-se a nós para fazermos a diferença e assim migrar da cultura do preço para a cultura do apreço. Venha saber mais em nosso curso online, ou nos procure através de nossos canais de comunicação caso queira saber mais ou tenha alguma dúvida.

O mundo não muda sozinho e estamos aqui para formar redes em busca de comunidades mais sustentáveis na criação de uma nova realidade, com justiça social.

### **Cuidado: Veneno!**

## **Governo Federal lança estratégia para ampliar o monitoramento da contaminação por agrotóxicos**

Por Secretaria de Comunicação Social

O Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Meio Ambiente (Embrapa - Meio Ambiente) lançaram, no dia 20 de fevereiro, a [Estratégia de Monitoramento Ambiental de PFOS e Agrotóxicos](#).

Com o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a iniciativa gerará dados sistematizados sobre a contaminação ambiental por agrotóxicos e PFOS (produtos derivados de agrotóxicos de difícil degradação no meio ambiente) no Brasil para subsidiar a elaboração de políticas públicas. Por três anos, será monitorado o uso de 53 ingredientes ativos no país.

Durante o ato de lançamento, em Brasília (DF), a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, destacou a importância da existência dessas informações. “Nosso papel é fazer o melhor uso da tecnologia e do conhecimento para proteger o meio ambiente e a saúde da população, melhorando também a qualidade dos nossos negócios e investimentos”, afirmou.

Diretor de Governança e Informação da Embrapa, Alderi Araújo pontuou que o projeto representa um avanço no monitoramento da contaminação por agrotóxicos. “É fundamental para que tenhamos condições de produzir com sustentabilidade ambiental, econômica e social”, declarou.

O presidente do Ibama, Rodrigo Agostinho, disse que a estratégia será fundamental para fornecer alimentos seguros para a população brasileira. “Pela primeira vez, conseguiremos monitorar de forma sistemática inúmeras substâncias que foram, ao longo das últimas décadas, registradas para utilização na nossa agropecuária”, ressaltou.

Kelli Mafor, secretária-executiva da Secretaria-Geral da Presidência da República, salientou que a estratégia deve conferir maior visibilidade às vozes da sociedade civil, especialmente nos territórios mais afetados. “Muitas vezes o que vem da sociedade civil é um forte indício do que precisa ser monitorado e estudado”, indicou. “O lançamento dessa estratégia é empolgante e traz esperança de transformar uma realidade que implica muitos danos à saúde humana e ao meio ambiente e não pode ser normalizada”.

Também participaram da cerimônia os secretários nacionais de Meio Ambiente Urbano, Recursos Hídricos e Qualidade Ambiental, Adalberto Maluf, e de Povos e Comunidades Tradicionais e Desenvolvimento Rural Sustentável, Edel Moraes, ambos do MMA, e o presidente do Instituto Brasil Orgânico, Rogério Dias.

**PILARES DA ESTRATÉGIA** - Considerada pioneira, a estratégia também busca ampliar o monitoramento da utilização de agrotóxicos no país para controlar e mitigar os impactos de seu uso para a saúde humana e o meio ambiente. Tem ainda o objetivo de promover práticas agrícolas sustentáveis e fomentar estudos científicos na área. Apresenta três eixos principais:

**Expansão do monitoramento do PFOS (Ácido Perfluorooctanossulfônico):** serão analisadas áreas agrícolas estratégicas nos estados de Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso do Sul, incluindo também propriedades rurais.

**Ampliação do Programa Piloto de Monitoramento de Agrotóxicos em Recursos Hídricos:** durante três anos, serão monitoradas substâncias químicas prioritárias, ampliando a lista de substâncias analisadas e a base de dados nacional.

Estudo de processos de transporte de agrotóxicos: avaliará como os pesticidas são transportados no meio ambiente e seus impactos em mananciais de água.

A iniciativa está alinhada às metas das Convenções de Estocolmo e Roterdã, que abordam a gestão de substâncias químicas, e reforça o compromisso do Brasil com a gestão sustentável e o controle de agrotóxicos.